

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Michele Tiecher Bassani

**ADAPTAÇÃO AO MEIO LÍQUIDO COM E SEM
A UTILIZAÇÃO DE FLUTUADORES**

Porto Alegre
2013

Michele Tiecher Bassani

**ADAPTAÇÃO AO MEIO LÍQUIDO COM E SEM
A UTILIZAÇÃO DE FLUTUADORES**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física.

Orientador: Flávio Antônio de Souza Castro

Porto Alegre
2013

***Dedico este trabalho a minha família amada e
às amigas e amigos queridos que me
acompanham na jornada da vida.***

RESUMO

Ao se iniciar um programa de atividades aquáticas é necessário passar pela fase de adaptação ao meio aquático. Devido à importância dessa questão, o objetivo desse trabalho foi de comparar o processo de adaptação ao meio aquático de crianças sem experiência prévia na água, com (CFLUT) e sem a utilização de flutuadores (SFLUT). Sendo uma pesquisa do tipo qualitativa, utilizou-se da observação participativa como metodologia. Participaram 23 crianças de 3 anos, divididas em 2 turmas: com e sem flutuadores de braço. O programa constituiu-se de 2 aulas semanais, de 30 minutos, por 8 semanas. Resultados: no grupo SFLUT a adaptação ao meio líquido e o progresso da turma deu-se de forma mais lenta. As crianças tiveram de passar pelas etapas de controle respiratório, flutuação, posicionamento corporal e conquista da confiança para se deslocarem na água. Necessitaram, também, realizar movimentos vigorosos de pernas e braços nos deslocamentos. Já no grupo CFLUT, a adaptação ocorreu mais rápido. A maioria das crianças ficou independente desde as primeiras aulas. Confiantes com as boias, pouco colocavam o rosto na água, posicionavam-se mais verticalmente e realizavam movimentos menos vigorosos de braços e pernas. As aulas foram dinâmicas, agitadas e participativas. Além disso, os flutuadores possibilitaram aos professores maior segurança das crianças e liberdade para ensinar. Conclui-se que, com o uso dos flutuadores, os alunos movimentam-se mais na água. Motivados com sucesso da prática, acontece o aprendizado e o gosto pela modalidade, o que possibilita ao aluno dar continuidade às suas atividades aquáticas durante sua vida.

Palavras-chave: Adaptação ao meio-líquido; flutuadores; natação.

ABSTRACT

To start a program of water activities it is necessary to go through the stage of adaptation to the aquatic environment. This is an important question, so the objective of this research is to compare the process of adaptation to the aquatic environment of children with no previous experience in the water (CFLUT) and without the use of floats (SFLUT). In a qualitative research, the method chosen was participatory observation. Altogether, 23 children of 3 years old participated in the research, divided in 2 groups: with and without arm floats. The program consisted of 2 weekly classes of 30 minutes each for 8 weeks. Results: in the SFLUT Group the adaptation to the liquid environment and the progress of the class took place more slowly. The children had to go through the steps of respiratory control, floating, body positioning and conquest of confidence to travel on water. They also needed to perform vigorous movements of legs and arms in offsets. On the other hand, in the CFLUT Group, the adaptation occurred faster. Most children were independent since the first classes. Confident with buoys, they put their faces into the water a few times, positioning themselves vertically and they did less vigorous movements of arms and legs. Classes were dynamic, exciting and participatory. In addition, the floats allowed teachers more security of children and freedom to teach. It is concluded that, with the use of floats, students move more in the water. Successfully motivated for the practice, learning happens and the pleasure for the activity, which enable the students to continue their aquatic activities for the rest of their lives.

Keywords: Adaptation to the liquid; floats; swimming.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS	9
2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
3.1 ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO.....	10
3.2 CARACTERÍSTICAS MOTORAS DA FAIXA ETÁRIA.....	15
3.3 UTILIZAÇÃO DE FLUTUADORES.....	18
4 MATERIAIS E MÉTODO	22
4.1 ETAPA EXPLORATÓRIA.....	23
4.2 PARTICIPANTES.....	23
4.3 COLETA DE DADOS.....	24
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
6 CONCLUSÃO	33
6.1 SUGESTÃO PARA FUTURAS PESQUISAS.....	35
7 REFERÊNCIAS	36
8 ANEXOS	36
8.1 ANEXO1.....	38
8.2 ANEXO 2.....	40
8.3 ANEXO 3.....	41

1 INTRODUÇÃO

Ao se iniciar um programa de atividades no meio líquido deve-se considerar que a água é, para muitos, um elemento novo, tornando-se necessário sua adaptação gradual, a partir do aprendizado dos efeitos da imersão do corpo na água e eliminação dos fatores desencadeadores de medo ou ansiedade (SANTOS, 1996).

De acordo com Krug e Magri (2012) o meio aquático cria sensações novas, modifica o equilíbrio, permite experimentar as próprias capacidades motoras.

As atividades aquáticas têm sido largamente difundidas, não apenas em clubes, como em outras instituições e agentes sociais, percorrendo todas as faixas etárias, desde os bebês aos adultos e idosos (CANOSSA, 2007).

Ao se iniciar um programa de atividades aquáticas, especialmente as desenvolvidas horizontalmente, faz-se necessário passar pela primeira fase da aprendizagem de natação: a adaptação ao meio aquático. Posteriormente, deve-se contemplar o ensino que objetiva a aquisição de competências aquáticas alargadas e o desenvolvimento multilateral e harmonioso dos indivíduos (CANOSSA, 2007).

Freudenheim, Gama e Carracedo (2003) escrevem sobre a aprendizagem das atividades aquáticas, quando no início do processo, busca-se a conquista da autonomia no meio líquido, relacionada, principalmente, ao controle respiratório e ao equilíbrio no meio líquido. Para isso, aspectos como confiança no professor, autoconfiança e relacionamento com o grupo devem ser enfatizados.

Considerando esses aspectos, este trabalho tem como objetivo comparar a adaptação ao meio líquido entre crianças que utilizaram flutuadores e crianças que não utilizaram flutuadores durante o processo inicial de aprendizagem das habilidades aquáticas.

Os flutuadores mostram-se como um auxílio questionável a ser usado nas aulas pelos profissionais ligados às atividades aquáticas, pois podem mascarar as percepções do aluno em relação ao controle postural na água, além de deixá-las

dependentes do apoio. Neste trabalho, far-se-á uma análise detalhada do uso ou não durante a adaptação das crianças ao meio líquido.

De posse dessa questão busca-se auxiliar os professores de educação física no processo de ensino-aprendizagem nas escolas de natação a obterem um melhor resultado no processo de adaptação dos seus alunos ao meio aquático.

Este trabalho de conclusão de curso pôde ser realizado devido à pesquisa concluída pela mestranda Rossane Trindade Wizer, que pretendia auxiliar professores no planejamento da intervenção em natação na busca por melhoras nas habilidades aquáticas com e sem o uso dos flutuadores pelos alunos.

Após esta introdução, o presente estudo é composto pelos itens: objetivos, revisão bibliográfica, materiais e métodos, resultados, conclusão e referências.

2 OBJETIVOS

O presente trabalho visa atender os seguintes objetivos:

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste trabalho é:

Comparar o processo de adaptação ao meio aquático de crianças de três anos de idade, sem experiência prévia, com e sem a utilização de flutuadores.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são:

- * Descrever o processo de adaptação na água com flutuadores de braço;
- * Descrever o processo de adaptação na água sem flutuadores de braço;
- * Comparar os dois processos.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo do trabalho são estabelecidas as bases teóricas, empregando ideias de diversos autores, as quais sustentarão o entendimento do assunto em questão. Essa revisão bibliográfica divide-se em: adaptação ao meio aquático; características motoras da faixa etária; utilização de flutuadores.

3.1 ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO

A água representa medo, desejo, desafio, poder de destruição e docilidade. Cada um de nós tem sua própria visão da água, percebe com seu sentido, estrutura imagens mentais mais ou menos fantasiosas de acordo com sua mitologia pessoal.

A água é um mundo a ser descoberto. Para as crianças ela se mostra de forma fascinante, através das piscinas, ondas, rios.

De acordo com Ramaldes (1997) a natação é a atividade física mais completa que existe; é a harmonia, a flexibilidade, a potência, o ritmo, a coordenação, em resumo, o grupo de movimentos.

Sobre natação pode-se afirmar também que é a única atividade que pode ser praticada desde o nascimento (DAMASCENO, 1994).

Fernandes e Costa (2006) também definem a natação como um conjunto de habilidades motoras que proporcionam o deslocamento autônomo, independente, seguro e prazeroso no meio líquido, sendo a oportunidade de vivenciar experiências corporais aquáticas e de perceber que a água é mais que uma superfície de apoio e uma dimensão, é um espaço para emoções, aprendizados e relacionamentos com o outro, consigo e com a natureza. Nesse sentido, o processo que leva a essa experiência e a esse aprendizado é chamado aqui de ensino-aprendizagem da natação, no qual os quatro estilos da natação competitiva são um dos conteúdos a ser desenvolvidos e não as metas do processo. Nesse caso, o meio líquido é visto como um mundo com várias possibilidades de ação e movimentos, abandonando-se a visão puramente utilitária, segundo a qual é preciso aprender a salvar-se ou a

salvar vidas na água, bem como a abordagem puramente desportiva, fragmentando movimentos e exigindo uma ação voltada para o domínio mecânico dos quatro estilos de nado.

Langendorfer (1987) por sua vez, apresenta que o nadar é entendido como “qualquer ação motora que o indivíduo realiza intencionalmente para propulsionar-se através da água”. Esse conceito amplia o escopo do ensino tradicional da natação, uma vez que não considera os estilos – crawl, costas, peito e borboleta – como único referencial, abrindo a possibilidade de estabelecer um ponto de chegada mais abrangente (estilos, nado sincronizado, mergulho, 11T11o aquático, saltos ornamentais). Em consequência, o ensino do nadar pode ser concebido como uma “educação física no meio líquido”.

Barbosa (2002) faz uma comparação das alterações de comportamentos no meio terrestre e no meio aquático em termos de equilíbrio, propulsão e respiração. Para o equilíbrio, apresenta as características no meio terrestre como posição do corpo e cabeça na vertical, olhar na horizontal, apoios plantares e ação exclusiva da força da gravidade. No meio aquático, evidencia a posição do corpo e da cabeça na horizontal, olhar na vertical, a perda dos apoios plantares e o corpo sujeito a ação das forças da gravidade e da impulsão hidrostática. Para propulsão (deslocamentos) entende os membros superiores como equilibradores no meio terrestre e propulsores no meio aquático, enquanto que os membros inferiores predominantemente seriam propulsores no meio terrestre e predominantemente equilibradores no meio aquático. Para respiração apresenta as características do mecanismo respiratório no meio terrestre como dominância nasal, sendo um ato reflexo na inspiração e tendo a expiração passiva, já no meio aquático, tem-se a dominância bucal, sendo um ato voluntário em que a inspiração é automática e a expiração ativa.

Mostra-se fundamental que o foco do ensino passe a ser o processo do aprender a nadar e não o seu produto, qual seja, o domínio mecânico dos estilos consagrados de nado (FERNANDES; COSTA, 2006).

Damasceno (1994) afirma que o fim que persegue um método de natação não deve ser unicamente que o aluno chegue a converter-se em um bom nadador. O aluno deve também receber um acúmulo de experiências que, através de suas vivências, lhe enriqueçam e contribuam a sua melhor educação integral.

Nesse contexto, um dos principais motivos pelos quais os pais levam as crianças a programas de natação, segundo Ramaldes (1997), são os afogamentos,

por que isso se apresenta como a maior causa de morte e acidentes na idade infantil, principalmente na faixa de 1 a 5 anos.

Um dos objetivos, e talvez o mais importante, é favorecer aos pais “a segurança”. Aprender a nadar cedo, de forma autônoma, é uma prevenção vital na vida diária e, principalmente, em período de férias, quando riscos de acidentes são maiores, na medida em que o contato com a água é mais frequente (RAMALDES, 1997).

Godall e Hospital (2004) afirmam que para a maioria das crianças de três anos, esse é o primeiro ano de escolarização ou de frequência a escolas maternas em grupos muito reduzidos e com ambiente familiar. Por isso devemos contemplar um tempo de adaptação e de aprendizagem de normas, de pontos de referência, de familiarização com os espaços, com os materiais, com os adultos, com as crianças.

A ambientação se propõe a transformar o Mínimo de Integração ao Meio (MIM) em uma adequada integração ao meio. Cada aluno chega ao professor com o MIM e isto deverá ser reconhecido e considerado pelo professor para uma melhor orientação do processo. O MIM pode ser descrito pela situação em que o aluno chega para aprender. Tem relação direta com o caudal de experiências individuais, condicionadas e determinadas pelo sexo, idade, lugar geográfico, meio sociocultural do qual participa entre outros (KRUG, 2012).

Xavier Filho e Manoel (2002) escrevem que a natação passa a ser compreendida como a adaptação do homem ao elemento água; feita através de todas as formas de movimento “junto com” (nadar em rios, na correnteza), “sobre” (nados diversos) e “sob” (nados submersos) à água, que produzam sustentação do corpo para o controle respiratório e a propulsão para o deslocamento. Essa adaptação deve englobar o domínio de todas as possibilidades de movimento no meio líquido, a fim de que o indivíduo possa desfrutar deste meio para seus interesses particulares, que podem estar no campo do lazer, da reabilitação, da saúde, da competição, da arte, entre outros. Conseqüentemente, a questão que se enfatiza aqui é a de que existem outros resultados no domínio psicomotor do

comportamento que também podem ser enfatizados no ensino da natação quando este tem por meta o domínio do meio líquido e não dos estilos de nado.

A adaptação à água possibilita novas sensações próprias e interoceptivas transmitidas ao bebê, que deverá adequar seu próprio corpo e suas forças às leis e princípios que regem a aquadinâmica (diferentes pressões, resistência ao avanço, empuxo, etc.) bem como às propriedades físicas inerentes à água (tensão superficial, refração, viscosidade, temperatura, densidade, etc.). Fatores de fundo tônico-emocional, como a ansiedade e o medo, devem ser levados em consideração para o ensino da natação. (DAMASCENO, 1994).

Corrêa (1999) aponta que, no período de adaptação, a criança normalmente apresenta sintomas de insegurança, ansiedade, medo ou desinteresse. A adaptação ao meio é o conteúdo mais importante da atividade aquática, quando o aluno terá seu primeiro contato com o novo meio (meio líquido), e, assim, requer muita habilidade por parte do professor, no sentido de atender às necessidades individuais de seus alunos, relacionado aos conteúdos e aos objetivos da natação; merecendo destaque os aspectos psicológicos, de segurança e sobre o desenvolvimento global da criança.

Diversos autores no livro: Natação e atividades aquáticas: subsídios para ensino; de Costa (2010) posicionam-se sobre esse contexto inicial ao escrever que no início do aprendizado a superação do medo – aquisição de segurança – é fundamental e até mesmo prioritária em relação aos outros objetivos. À medida que a criança conquista uma maior segurança para realizar as tarefas motoras, também adquire razoável controle respiratório e dos órgãos dos sentidos. O mesmo acontece com relação à percepção que cada um tem do próprio corpo e de seus possíveis movimentos. Dessa forma, a perda do medo e a consequente aquisição de confiança e segurança são fundamentais para a realização de qualquer habilidade aquática, além de conhecimentos básicos de conceitos sobre os movimentos corporais na água.

Serão encontrados problemas específicos nos vários níveis de idade, mas para todos os grupos o maior obstáculo é o da adaptação psicológica e física. A

adaptação psicológica visa familiarizar o aluno ao meio líquido, através de jogos e brincadeiras que busquem contato direto com a água. Já na fase de adaptação fisiológica (a partir da imersão – mergulho – do rosto) inicia a respiração, principalmente, a expiração que favorece tremendamente o acesso do fundo. Para isto é primordial uma boa introdução ao meio-líquido através da fase psicológica (RAMALDES, 1997).

Krug e Magri (2012) afirmam que a ambientação aquática dependerá então da interação do indivíduo com a água na busca constante de construções sucessivas de estruturas novas. Eles propõem que para termos sucesso na aprendizagem precisamos provocar o desequilíbrio do organismo, ou seja, desafiá-lo na busca de novos conhecimentos, devendo ser este o objetivo constante do profissional da Educação Física.

Ramaldes (1997) mostra que é importante que a criança tenha confiança no professor; e que o professor passe confiança pela compreensão das causas do medo da criança. Ex.: tamanho da piscina, medo de água, lugar desconhecido. Nunca se deve forçar o bebê a fazer alguma coisa a qual ele não esteja preparado e nem a fim de fazer.

Freudenheim *et al.* (2003) sugerem que nesse início do processo de aprendizagem, visa-se à conquista da autonomia no meio líquido, relacionada, principalmente, ao controle respiratório e ao equilíbrio no meio líquido. Para isso, aspectos motores, afetivo-sociais e cognitivos devem ser enfatizados:

Aspectos motores

* Adquirir adaptação dos órgãos sensoriais e da respiração, de forma diversificada.

* Controlar as posturas estáticas e dinâmicas nas posições vertical e horizontal, de diferentes formas, com e sem auxílio.

* Realizar deslocamentos e deslizos, com e sem auxílio: variando os movimentos de cabeça, tronco, braços, mãos, pernas e pés, separadamente e em combinação, em diferentes velocidades, direções e posições do corpo, na superfície e submerso.

* Desenvolver entradas e saltos: com apoios variados e sem apoio, a partir de diferentes posições iniciais, com movimentos variados de pernas e braços e giros no eixo longitudinal, na fase aérea, em diferentes locais (borda, baliza, trampolim) e profundidades.

Aspectos afetivo-sociais

Em relação às atividades propostas nessa fase, desenvolver: confiança no professor, bom relacionamento com o grupo e professor, confiança para enfrentar os desafios, motivação e envolvimento nas atividades individuais e grupais, iniciativa para resolver problemas, segurança em diferentes profundidades e autonomia.

Aspectos cognitivos

Em relação às atividades dessa fase, desenvolver: conhecimento das regras básicas de segurança, percepção corporal dos movimentos, percepção de objetos e sons, quando submersos, e noções de hidrodinâmica.

Aos três anos são raras as dificuldades de adaptação entre professor e aluno. Quando essas dificuldades ocorrem, é possível controlá-las através de “surpresas” e de brinquedos prediletos. A boa adaptação de uma criança nesta idade pode depender de encontrar um amigo (CORRÊA, 1999).

3.2 CARACTERÍSTICAS MOTORAS DA FAIXA ETÁRIA

A natação é o esporte mais indicado para crianças de faixa etária baixa, pois nela encontramos inúmeras formas de estimulação para o desenvolvimento da motricidade (FONTANELLI; FONTANELLI, 1985).

De acordo com Ramaldes (1997), a prática da natação o quanto antes criará toda uma estrutura corporal equilibrada funcional e prevenindo contra problemas futuros como: desvios na coluna, defeito nos pés, problemas de circulação, bronquite.

Nesse contexto, Corrêa; Massaud (1999) discorrem sobre os benefícios do movimento feito na água. Com a água até a altura do pescoço: nosso corpo pesa apenas 10% do peso que tem fora da água; e estando em repouso, o coração bombeia 32% mais sangue; a pressão de imersão também aumenta o trabalho respiratório em 60%, melhorando a capacidade respiratória; a resistência da água é muito maior do ar fortalecendo a musculatura.

Damasceno (1994) afirma que cada indivíduo tem um ritmo próprio e que a diferenciação de traços potencialmente existentes ocorre por maturação e que esta independe da experiência. Em termos gerais, a criança se caracteriza por uma variação da taxa de crescimento, de desenvolvimento das destrezas motrizes e do refinamento da discriminação perceptiva.

Já os autores Fontanelli; Fontanelli (1985) ponderam que o crescimento do bebê, a sua maturação psíquica se dá acompanhada da física. Com isso, foi feita uma correlação entre o desenvolvimento psíquico (social-afetivo), o físico (terra) e na água para crianças acima de três anos.

- *Na terra:* os músculos se desenvolvem mais harmonicamente, o corpo se modifica.
- *Psico-social:* a criança estabelece sua sociabilidade à medida que precisa de outras crianças para brincar, faz sentenças longas e verbaliza seus pensamentos, inicia os grandes jogos.
- *Na água:* O nado cachorrinho se torna perfeito, exigindo mais técnica. Imita tudo e todos e sua independência aquática se estabelece, dispensando assim a presença da mãe.

Aos três anos, para a maior parte das crianças, as coisas aquietam-se durante um curto período. Agora, a criança gosta tanto de dar como de receber. Gosta de cooperar. Quer agradecer. Parece encontrar-se num bom equilíbrio. Já aos três anos e meio as crianças manifestam uma vontade extremamente forte, e é difícil conseguir dela qualquer gênero de conformidade (CORRÊA; MASSAUD, 1999).

Corrêa; Massaud (1999) também registram que aos três anos, idade por excelência da vida ativa e do interesse lúdico, a criança interessa-se por carros, locomotivas, etc... Os brinquedos personificam os objetos reais e a ação se exerce sobre eles, sem angústia nem culpa. Os pequenos brincam, repetindo situações satisfatórias, e elaborando as situações traumáticas. Dos três aos cinco anos, os brinquedos de pegar são os preferidos. É brincando que a criança se desenvolve, aprende, enfim, prepara-se para o futuro.

Godall e Hospital (2004) descrevem que as atividades motoras devem permitir a exploração do movimento, com ações repetitivas e, também, bastante variadas, favorecendo, assim, a aquisição, a fluidez e a adaptabilidade da postura e da atitude corporais, além da experimentação de situações de equilíbrio e de desequilíbrios de eixos, segmentos e simetrias corporais.

Corrêa, Massaud (1999) enfatizam que nessa faixa etária, as aulas não devem atingir somente os objetivos específicos da natação, como a adaptação ao meio líquido e a aprendizagem dos nados. Devem, também, atingir todas as potencialidades da criança, compreendendo os domínios afetivo, cognitivo e psicomotor.

Para Godal e Hospital (2004) o tempo de aprendizagem tem de ser flexível, e a motivação do ensino pode estar mais centrada na autossuperação do que na comparação e competitividade em relação aos outros para essa faixa etária.

Na fase de 3 a 6 anos é importante que a criança veja a “natação” (atividades aquáticas) como uma brincadeira. É brincando que a criança se desenvolve exercitando suas potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o funcionamento do pensamento e leva a criança a alcançar níveis de desempenho

que só as ações, por motivação intrínseca, conseguem (CORRÊA; MASSAUD, 1999).

Nas últimas décadas, alguns autores têm apresentado estudos sobre o desenvolvimento do nadar (por exemplo, ERBAUGH, 1980; LANGENDORFER, 1995 *apud* FREUDENHEM *18T al.*, 2003). Um dos aspectos mais importantes que esses estudos evidenciam é que “há uma sequência normal de desenvolvimento motor no meio líquido que pode ser observada em bebês e crianças desde que haja oportunidade para interagirem nesse meio” (MANOEL, 1995 *apud* FREUDENHEM *18T al.*, 2003). Portanto, o ensino do nadar deve ser visto como um processo em que padrões típicos do desenvolvimento normal devem ser respeitados.

Para finalizar, Krug e Magri (2012), apontam que as experiências motoras na água ampliam o acervo do conhecimento das pessoas, porque ao vivenciar experiências neste ambiente é preciso apurar as estruturas cognitiva e motora, estas, por sua vez, associadas vão produzir um novo conhecimento que também é cognitivo e motor.

3.3 UTILIZAÇÃO DE FLUTUADORES

Nessa parte do trabalho serão apresentadas opiniões de importantes autores a cerca do uso ou não de flutuadores nas aulas para crianças.

De acordo com Costa (2010), no início do aprendizado, a maioria das crianças necessita de auxílio, praticamente o tempo todo, de algum tipo de material ou professor, justamente em razão da falta de segurança, de controle da respiração e de equilíbrio, além da percepção de seu corpo e de seus movimentos nesse meio. Ou seja, ainda não tem autonomia na água. Uma estratégia interessante e eficaz é dispor de materiais facilitadores para que as crianças possam se locomover sozinhas pela piscina ou com o mínimo de ajuda e experimentem diferentes formas de movimentos, que provoquem a perda e a recuperação do equilíbrio sem, no entanto, correrem qualquer risco ou sentirem-se inseguras. Ou seja, usam-se procedimentos que na perspectiva estratégia adotada facilitem a progressiva autonomia e promovam a aquisição do equilíbrio na água.

Corrêa (1999) afirma que existe uma polêmica entre alguns profissionais sobre a utilização de boias. As boias devem ser utilizadas durante as aulas, não tanto para que ele se desloque sozinho, mas para trabalhar o equilíbrio. Ao começar o trabalho com flutuadores, as crianças necessitam de uma adaptação a eles. A vivência de flutuadores deve ser feita em todas as aulas. Somente após ter notado que a criança se desloca de boia sem beber água e sem apoio, é que o professor pode se afastar dela, estimulando-a, para que se desloque em sua direção. Recomenda-se usar o flutuador para jogos e atividades lúdicas variadas, mesmo se a criança souber se sustentar sem flutuadores.

Godall e Hospital (2004), também apoiam o uso de materiais ao afirmarem que eles facilitam a ampliação das propostas educativas. Cada material tem suas características, e estas favorecem o movimento, a exploração ou a adaptabilidade do corpo. Com a familiarização e o domínio dos materiais, fomenta-se o conhecimento de nós mesmos e do ambiente. Os objetos são mediadores de nossa aproximação ao espaço próximo, e da estruturação desse espaço, do conhecimento da dominância lateral.

Já Costa (2010) aponta que os objetos representam os diferentes materiais utilizados em aula, não apenas como objeto de apoio para aquelas crianças que ainda não têm autonomia no meio líquido ou para isolar uma parte do corpo (movimentos de pernas, por exemplo), mas também como uma estratégia que auxilia a modular ajustes nos movimentos do corpo e suas partes e a ampliar a percepção e o acervo motor, como boiar com diferentes materiais para que percebam a flutuabilidade dos objetos e até mesmo do próprio corpo.

Na opinião de Corrêa (1999) as boias devem ser utilizadas durante as aulas, não só para que o bebê se desloque sozinho, mas também para trabalhar seu equilíbrio.

O equilíbrio na boia não é o objetivo final, mas um meio para alcançar um fim. Os instrumentos auxiliares de natação servem para exercitar todos os movimentos possíveis da criança, para que ela se acostume à água. De qualquer modo é importante que a criança aprenda a equilibrar-se na boia (BRESGES; DIEM 1980).

Godall e Hospital (2004) concordam com os outros autores ao apontar que por meio do contato com os materiais estimula-se a sensação de proteção e segurança. O material escolhido não deve representar nenhum perigo ou risco que os alunos não possam assumir; por isso, se deve buscar materiais adequados visando à segurança dos alunos.

Buscando evitar acidentes em piscinas, uma das principais causas porque os pais colocam a criança na atividade aquática, é importante ensinar as crianças a se equilibrarem em boias de braço e redondas. É sempre mais seguro manter a criança de boia, mesmo que esta não pretenda entrar na piscina ou praia. A boia pode rasgar ou furar, mas é sempre mais seguro com elas (CORRÊA, 1999).

Ramaldes (1997) dá orientação para o ensino em nível de três meses a três anos. Observar que a temperatura da água deve ser agradável; nunca apressar um processo ou mostrar imponência; tentar evitar que a criança ponha violentamente o rosto na água; e de acordo com essa autora, usar boias durante o período das aulas e recreações supervisionadas.

Autores que defendem a utilização de materiais acreditam que a utilização dos auxílios aumenta a sensação de segurança por parte do aluno iniciante, o dispêndio de energia é menor, além disso, aumentam as possibilidades de relação do aluno com a água, tornando o meio líquido mais atrativo, já que para um indivíduo iniciante, a relação com esse meio pode ser limitada (JOHNSTON *20T al.*, 1994).

Percebe-se que esses autores defendem a utilização de materiais com a intenção de tornar o meio líquido mais atrativo.

Nessa discussão surgem os autores que se mostram contra o uso dos flutuadores. Costa (2010) apresenta que a insistência na utilização de materiais, como as boias, que auxiliam o indivíduo na flutuação, não se baseia em nenhum estudo sobre o papel destes na aquisição do nadar ou mesmo sobre o controle da postura no meio líquido. Segundo a autora esses aparatos poderiam até mesmo mascarar as percepções do aluno em relação ao controle postural.

Para alguns autores, como Catteau; Garoff (1990), a utilização de materiais com o objetivo de facilitar a flutuação deve ser evitada, pois atrasam o processo de conscientização da flutuação. Já para outros autores, como Langendorfer; Bruya (1995), a utilização de materiais auxiliares durante o início do processo de aprendizagem é recomendável, desde que sua utilização não seja excessiva a ponto de causar dependência por parte dos alunos.

4 MATERIAIS E MÉTODO

Este capítulo visa demonstrar os procedimentos que foram utilizados para se atingir os objetivos deste trabalho. No decorrer do capítulo será apresentado o tipo de pesquisa, a técnica de coleta, o público alvo e a forma de tratamento dos dados.

Para alcançar os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa do tipo qualitativa.

Rodrigues (2007) designam a pesquisa qualitativa como a modalidade de pesquisa na qual os dados são coletados através de interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador.

Já Bodgan; Biklen (1994) destacam alguns itens importantes na pesquisa qualitativa:

- Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Com isso os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em campo tentando elucidar questões educativas. Mesmo quando se utiliza equipamentos, blocos de nota, os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contato direto.
- A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.
- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Uma teoria desenvolvida deste modo procede de “baixo para cima” com base em muitas peças individuais de informação recolhida que são inter-relacionadas. É o que se designa por teoria fundamentada.
- O significado para as pessoas é de importância vital na abordagem qualitativa.

A principal característica desse modelo é produzir descrições qualitativas de uma população.

O procedimento utilizado para a obtenção dos dados foi caracterizado pela participação, observação e análise de vídeo de cada uma das aulas realizadas na ESEF pelos dois diferentes grupos, visando identificar nas crianças as diferenças entre a aprendizagem com e sem o uso de flutuadores.

4.1 ETAPA EXPLORATÓRIA

A pesquisa exploratória tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano seja compreendido no contexto social onde ocorre (QUEIROZ, 1992).

“Explorar um problema ou situação para prover critérios e compreensão” (MALHOTA, 2001). Na etapa exploratória foi consultada a dissertação de mestrado de Rossane Trindade Wizer (2012), que possui como objetivo do estudo comparar o desenvolvimento das habilidades aquáticas de crianças que utilizam flutuadores e de crianças que não utilizam flutuadores durante o processo de aprendizagem da natação, além disso, houve participação e observação de aula por aula desse projeto realizado na Escola Superior de Educação Física em 2012.

Com esse novo conhecimento, definiu-se que para atingir os objetivos deste trabalho mostrava-se necessário utilizar uma pesquisa do tipo qualitativa, a fim de concluir como as crianças com e sem flutuadores se comportavam durante a aprendizagem.

4.2 PARTICIPANTES

Foram selecionadas para o estudo vinte crianças de três anos de idade para um programa de oito semanas de aulas de atividades aquáticas a fim de que os resultados da pesquisa possam servir de apoio aos professores de natação.

Assim, tais crianças fizeram parte de um grupo de atividades aquáticas oferecidas gratuitamente pela Escola de Educação Física. Para isso os participantes da pesquisa não podiam possuir experiência prévia com natação. Além disso, os responsáveis tiveram que preencher o termo de consentimento livre e esclarecido, com o devido aceite (Anexo 1), e um questionário sobre as experiências atuais e anteriores das crianças (Anexo 2). Este trabalho foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (Anexo 3).

4.3 COLETA DE DADOS

Através de um programa de natação oferecido gratuitamente pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul esta pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2012. Tal coleta ocorreu no centro natatório do campus. Esse estudo teve partida na reunião de apresentação do projeto para os pais das crianças. A seleção deu-se de acordo com o preenchimento dos critérios pré-definidos: as crianças terem três anos de idade; não possuírem experiência prévia no meio líquido, assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, além dos pais terem respondido ao questionário sobre a criança, após a reunião de apresentação do projeto.

Após essa etapa dividiu-se as turmas de acordo com a idade em meses para que nas duas turmas a idade e o mês ficassem parelhos. As turmas foram divididas em dois grupos de dez crianças. No primeiro horário os alunos utilizaram flutuadores. Já no segundo horário as crianças não tiveram esse auxílio.

As aulas tiveram duração de trinta minutos, foram ministradas por quatro professores e duas vezes por semana, durante oito semanas, totalizando dezesseis aulas. Buscou-se ministrar o modelo da aula muito próximo entre as duas turmas, a fim de que não houvesse interferência no resultado do estudo.

Aula a aula foi-se montado um suporte onde a câmera era ajustada e ao início das atividades colocava-se a câmera para gravar. Após o fim do programa de oito semanas, e de posse de todos os registros feitos e salvos num computador, foram observadas, relevadas e discutidas as diferenças que mais se destacaram entre a

turma com flutuador e a sem flutuador. A partir daquele momento se encontrou os resultados a seguir.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a participação nas aulas e análise e discussão dos vídeos de cada uma das aulas realizadas na ESEF foi possível levantar informações relevantes com relação à adaptação das crianças ao meio líquido com e sem o auxílio de flutuadores.

Buscando responder à pergunta: De que forma a utilização de flutuadores nos braços interfere no processo de adaptação ao meio líquido em crianças de três anos de idade? Foram levantados os dados e estruturados os resultados a seguir:

Observando a turma dos alunos que não usaram as boias de braço durante o programa, perceberam-se diferenças com relação ao grupo que as utilizou. Dentre os aspectos levantados merecem destaque algumas questões:

A adaptação ao meio líquido deu-se de uma forma bem mais lenta, pois, como as crianças não possuíam auxílio, elas necessitaram um tempo maior para interagirem com a água, com o professor, com os colegas. Desde o início das aulas poucos foram os alunos que ficavam mais à vontade na piscina, com os professores. O progresso da turma foi bem mais lento. A pouca segurança, o medo e a ansiedade eram percebidos durante as aulas. Diferentemente do primeiro horário na piscina, o segundo, era silencioso e mais tenso. A maior parte da turma acabou por se soltar na água no penúltimo e no último dia de aula, surpreendendo os professores pela independência e boa desenvoltura nos exercícios propostos.

Krug e Magri (2012), em seus escritos escrevem sobre os fatos anteriores como: A aprendizagem não só depende do ambiente, como do próprio indivíduo, porque é por meio de constantes aprendizagens que o homem obtém um número elevado de informações e normas de conduta. As relações e o significado das coisas conduzem-no a memorizar e aprender, dessa forma, entende-se que a aprendizagem começa acontecer primeiramente em nível cognitivo, por meio da aceitação e incorporação de novos padrões psicomotores. E a partir destes, a resposta começa a formar-se primeiro pela tentativa experimental para, em seguida, novas respostas surgirem influenciadas pelo meio-ambiente.

Langendorfer (1987) afirma que quando a criança não pode mover-se livremente na água, o seu aprendizado pode ser limitado, pois ele não poderá explorar as diversas posturas possíveis no ambiente aquático.

Alguns alunos instigaram um questionamento aos professores a respeito da eficiência da aula que realizavam sem auxílio. Percebeu-se que devido às experiências prévias, aos aspectos motores, medo, ansiedade e influência dos pais algumas crianças teriam extraído um maior proveito caso estivessem com flutuadores nos braços. Durante as aulas, elas permaneciam por um tempo considerável nos redutores aguardando para fazerem as atividades propostas, além de ficarem agarradas às bordas, o que possibilitava uma relação com a água a ser construída bem mais lentamente, do que se a criança já estivesse independente na água. Essa falta mostrou-se a maior dificuldade para a aquisição duma adaptação mais veloz ao meio líquido.

Magil (2000) faz uma observação importante nesse processo que discorre sobre a aprendizagem motora das crianças na água. Ele aponta que ela pode ser definida como uma mudança no indivíduo deduzida de uma melhoria relativamente permanente em seu desempenho como resultado da prática, considerando que esta envolve uma modificação no estado interno de uma pessoa, e pode ser inferida a partir da observação do comportamento daquela pessoa.

No grupo dos sem flutuadores notou-se que precisavam ter mais dedicação e esforço a fim de lograr uma maior relação com a água, deslocar-se na superfície, executar movimentos corporais, além de melhor se posicionar corporalmente buscando se ajustar às forças existentes durante a imersão.

Krug e Magri (2012) corroboram com os resultados quando diz que na primeira fase de aprendizagem, o fator que mais beneficia ou dificulta é a fluabilidade do corpo humano na água, que está diretamente relacionada à posição dos segmentos corporais, à composição corporal (densidade) e à inter-relação das forças de impulsão hidrostática (empuxo) e de gravidade, que permitirão que os corpos flutuem mais ou menos paralelos à linha da superfície da água.

A turma dos sem flutuadores precisaram passar por todas as etapas para o aprendizado das habilidades aquáticas (enquanto que o grupo dos com flutuadores pularam várias dessas fases). Sem o apoio eles tiveram de aprender a realizar a respiração na água, a flutuação, o posicionamento corporal, a conquista da confiança para poderem se deslocar.

Um item que se destacou positivamente dentre os resultados foi: a postura corporal das crianças observadas na água sem a utilização das boias. O corpo deles posicionava-se mais na horizontal, a cabeça não era tão verticalizada e eles mergulhavam com mais facilidade (ou menos resistência).

Esse posicionamento das crianças que não utilizaram flutuadores mostra-se de fundamental importância para o deslocamento autônomo, seguro e eficiente no meio líquido. Conforme o que afirmam Krug e Magri (2012), a posição do corpo mais paralela à linha da superfície da água contribuirá para uma propulsão mais eficiente, ou seja, mais rápida no deslocamento do corpo na água, pois quanto menor for a intensidade da resistência hidrodinâmica oposta à direção de deslocamento do sujeito, maior será a velocidade de nado de acordo com a intensidade da força aplicada.

Além do melhor posicionamento na água, constatou-se que as crianças realizavam movimentos mais vigorosos de pernas e de braços a fim de se sustentarem e deslocarem-se na água. Langendorfer e Bruya (1995) sugerem que as alterações motoras ocorridas nos componentes: ação do braço, ação da perna e posição do corpo seriam suficientes para definir estágios ou padrões de desenvolvimento motor aquático.

Algumas crianças nas últimas aulas do programa, de posse de uma maior segurança – na água, com os colegas e professores – e fazendo suas descobertas, pulavam dos redutores para a piscina que não dava pé, contudo elas ainda não conseguiam nadar sozinhas e precisavam ser resgatadas pelos professores. Com essas ocorrências os professores tiveram de ter atenção redobrada nas aulas.

Discutido os resultados da turma que não utilizou flutuadores, passa-se agora a levantar os aspectos constatados com relação ao grupo dos que realizaram as atividades com auxílio das boias.

A adaptação, conforme vimos na revisão bibliográfica está relacionada ao processo de ambientação, segurança, sucesso na execução dos movimentos, socialização, prazer na água... Pontuando esses aspectos percebe-se que a utilização dos flutuadores durante as aulas vem ao encontro desses itens. Já nas primeiras aulas os alunos iam logrando sua conquista no meio ao sair dos redutores e ficar independentes pela piscina. Durante cada aula mais e mais crianças com flutuadores ficavam livres pela piscina, se redescobrimo, desvendando o local e seu próprio corpo.

Era assim que as crianças da 1ª turma, os com flutuadores, ficavam: deliciando-se na água. De acordo com o autor Thomas (1999 *apud* KRUG; MAGRI, 2012), o domínio do corpo dentro da água, a capacidade de se sentir à vontade, de se sentir uno com a água é a mais gratificante das artes aquáticas.

Independentes na piscina, graças a uma adaptação mais fácil e muito rápida, devido ao uso do apoio, quase todas as crianças ficavam movimentando-se pela piscina desde as primeiras aulas. Essa turma tinha uma aula muito dinâmica, agitada e participativa.

Krug e Magri (2012) explicam melhor esse processo expondo que na aprendizagem em natação, as aquisições são diretamente observáveis por ocasião da execução dos movimentos. Dominar o meio aquático tem uma extensão bem maior do que saber nadar.

Com base no possível aprendizado baseado na maior movimentação corporal e pela piscina, CORBIN, (1973 *apud* FREUDENHEIM; GAMA; CARRACEDO, 2003) explica que, no processo ensino-aprendizagem centrado na criança concebe-se que elas aprendem de forma diferente umas das outras. Esse princípio leva a outro que é o princípio da totalidade, ou seja, à visão de que o ser humano é um todo indivisível. Conseqüentemente, para aprender a nadar, adquirir competências motoras não é o

suficiente. No processo de aprendizagem, o aluno necessita de um bom relacionamento social com seus pares para superar as dificuldades encontradas. Ao mesmo tempo precisa adquirir confiança para almejar novos objetivos e percepção para vir a efetuar os movimentos desejados. Essa concepção do ser humano como totalidade implica que um programa de ensino do nadar deve ser elaborado considerando os aspectos relevantes dos três domínios do comportamento: Demandas motoras, afetivo-sociais e cognitivas necessárias ao desenvolvimento do nadar e suas interações.

MOTOR

- Movimentos fundamentais
- Combinação de movimentos fundamentais
- Movimentos culturalmente Determinados

AFETIVO- SOCIAL

- Confiança
- Autonomia
- Participação e relacionamento
- Motivação
- Segurança

COGNITIVO

- Percepção dos movimentos do nadar
- Conhecimentos básicos de aspectos biomecânicos e fisiológicos
- Conhecimento de regras de segurança

Destacamos aqui também que nessa turma existia um grupinho de amigos da escola o que também ajudou na adaptação. Era percebido que nesse horário as crianças ficavam mais agitadas, falavam, gritavam e se divertiam bem mais que noutro horário.

Krug; Magri (2012), explicam a observação anterior ao escrever que o meio ambiente deve ser favorável, sendo importante haver estímulo dos pais, da família, do grupo de amigos, com oportunidades para ampliar o relacionamento com outras

peessoas. Sabe-se hoje que muitas pessoas permanecem em aulas de Natação por valorizar estar no grupo de amigos.

Na turma dos sem flutuadores as crianças são obrigadas a terem uma relação maior com a água. Já com as boias nos braços os alunos acabam pulando as fases de aprendizado na natação, pois conquistam facilmente a confiança para se movimentarem na água. Eles acabam por não ter a necessidade de:

- colocar a cabeça na água (aprendendo a respirar, mergulhar);

- posicionar-se mais verticalmente;

- fazer movimentos vigorosos de braços e pernas para poderem se deslocar pela piscina.

Apesar dessa turma não ter: um bom posicionamento corporal, respiração adequada, além de movimentos dos membros mais vigorosos; mesmo assim, por conta dos flutuadores, eles passavam toda a aula, independentes pela piscina, engajados e realizando as atividades propostas. Krug; Magri (2012) discorrem sobre esse fato quando diz que a aprendizagem é um processo pelo qual a conduta se desenvolve ou varia por meio da prática e da experiência.

Era percebido também que devido ao uso das boias e a idade de três anos das crianças mostrou-se necessário aos professores ter uma estratégia diferente nas aulas: em vez deles executarem os exercícios propostos de forma organizada, esperando sua vez nos redutores, foi permitido que se movimentassem pela piscina e a partir daí iam sendo direcionados aos exercícios propostos.

Outra questão discutida pelos professores em aula foi que o uso dos flutuadores dá mais segurança, quando de um número maior de criança numa turma, e também possibilita uma maior liberdade para ensinar em aula pelo professor.

Alunos empenhados mostram maior comprometimento com o desenvolvimento das atividades e com os resultados obtidos. O motivo, a alegria, a satisfação, o Saber que se é capaz, a camaradagem, levam a melhores condições de aprendizagem. (KRUG; MAGRI, 2012).

Conforme a Lei do Efeito (Teoria de Thorndike) tende-se a repetir mais facilmente aquilo que nos agrada, pois se sabe que a melhora na aprendizagem depende do grau de motivação do aprendiz. Portanto, quanto mais motivado o aluno estiver, mais irá melhorar desde que a meta estabelecida tenha sido adequada. (KRUG; MAGRI, 2012).

O conseguir ficar sozinho na piscina, “nadar” sozinho, possibilita ao aluno com flutuador divertir-se muito mais nas aulas. Com um grande prazer do sucesso na água ele fica motivado com a prática, aumentando seu gosto pela modalidade e, por conseguinte, leva-o a dar continuidade às suas atividades aquáticas durante sua vida.

Por fim, Corrêa, Massaud (1999) apontam que na criança, um dos principais objetivos para que consigamos um desenvolvimento, em busca de saúde e equilíbrio, é desenvolver o gosto pela atividade, através de atividades lúdicas, prazerosas, com objetivos claros, dentro de sua capacidade psicomotora, fazendo com que ela tenha vida longa útil na natação, ou seja, atinja a idade adulta nadando, e se torne multiplicadora dos futuros nadadores, das novas gerações.

6 CONCLUSÃO

Em suma, este trabalho apresenta informações relevantes no início do processo de aprendizagem das habilidades aquáticas. De posse desse conhecimento os professores podem melhor satisfazer seus alunos, a fim de que eles tenham um maior aprendizado, aproveitamento das aulas e gosto pelas atividades aquáticas e, dessa forma, deem continuidade nas modalidades de água por um logo tempo de suas vidas.

O objetivo desse estudo foi de comparar a adaptação ao meio líquido de crianças que utilizam flutuadores e de crianças que não utilizam flutuadores durante o processo de aprendizagem da natação.

Por meio da análise dos dois grupos das crianças de três anos, chegou-se às seguintes conclusões:

No grupo dos sem flutuadores a adaptação ao meio líquido deu-se de uma forma bem mais lenta, pois, como as crianças não possuíam auxílio, elas necessitaram um tempo maior para ficarem seguras na água, com o professor, com os colegas. O progresso da turma foi bem mais lento. A maior parte da turma acabou por se soltar na água no penúltimo e no último dia de aula.

Notou-se também que os alunos precisaram ter mais dedicação a fim de lograr uma maior relação com a água, e assim, conseguir deslocar-se na superfície. Foi preciso que executassem movimentos corporais mais vigorosos de pernas e braços, além de melhor se posicionar corporalmente buscando se ajustar às forças existentes durante a imersão.

Outro fato que merece destaque foi que as crianças necessitaram passar por todas as etapas do ensino da natação para o aprendizado das habilidades aquáticas. Eles tiveram de aprender a realizar a respiração na água, a flutuação, o posicionamento corporal, a conquista da confiança para, enfim, poderem deslocar-se, o que no final tornou-se o maior ponto positivo para essa turma.

Enquanto isso no grupo dos com flutuadores, apesar de ser um material de apoio importante, mas que se mostra muito questionável por autores quanto a sua eficácia nas aulas de natação para crianças, chegou-se às interessantes conclusões:

A adaptação ao meio líquido ocorreu de uma forma mais fácil e muito rápida, devido ao uso do apoio. Com isso, quase todas as crianças ficavam movimentando-se pela piscina desde as primeiras aulas. Livres pela piscina, elas ficavam descobrindo o local e seu próprio corpo. Essa turma acabou sendo marcada por aulas dinâmicas, agitadas e participativas, mesmo que o plano de aula fora igual para os dois horários.

De posse das boias nos braços os alunos acabaram pulando as fases de aprendizado na natação, pois conquistaram facilmente a confiança para se movimentarem na água. Com isso, não colocavam a cabeça na água (aprendendo a respirar, mergulhar), posicionando-se na água mais verticalmente; além disso, poucos realizavam movimentos mais vigorosos de braços e pernas para poderem se deslocar pela piscina. No entanto, merece destaque o fato de que eles passavam todas as aulas em movimento, independentes e interagindo com os colegas e professores.

A importância do uso dos flutuadores nas aulas também reside na questão de dar mais segurança ao professor, pois numa grande turma possibilita um menor risco de acidentes e uma maior liberdade para ensinar.

Em suma, o conseguir ficar sozinho na piscina possibilita ao aluno com flutuador experimentar o prazer de ter sucesso na água. Movimentando-se muito mais na piscina e, dessa forma, motivados com a prática, aumentam o aprendizado e o gosto pela modalidade, o que possibilita ao aluno dar continuidade às suas atividades aquáticas durante sua vida.

6.1 SUGESTÃO PARA FUTURAS PESQUISAS

Dialogando com a mestranda Rossane Trindade Wizer, autora da tese de mestrado que deu origem a esse estudo, surge oportunidade de se fazer um trabalho posterior a esse que tenha duração maior que oito semanas, pois foi percebido na última semana, no final do programa, que as crianças sem o auxílio dos flutuadores se soltaram mais nas aulas conseguindo chegar ao nível dos com flutuadores. Logo, seria interessante realizar uma pesquisa por mais tempo a fim de possibilitar uma melhor análise acerca das questões com e sem o uso de flutuadores: progressão nas habilidades aquáticas, posicionamento corporal e satisfação dos alunos nas aulas.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Tiago M. **Natação para bebês. A necessidade de uma ação conscientemente dirigida.** Revista da Associação Portuguesa de Técnicos de Natação, p. 30-35, 2002.

BODGAN, Roberto C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Portugal: Porto, 1994.

BRESGES, Lothar; DIEM, Liselott. **Natação para o meu neném: natação nos 1º e 2º anos de vida.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CANOSSA, Sofia et al. **Ensino multidisciplinar em natação: reflexão metodológica e proposta de lista de verificação.** Motri, [online], v. 3, n. 4, p. 82-99, 2007.

CATTEAU, Raymond; GAROFF, Gérard. **O ensino da natação.** São Paulo: Manole, 1990.

CORRÊA, Célia Regina Fernandes. **Atividades aquáticas para bebês.** Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CORRÊA, Célia Regina Fernandes; MASSAUD, Marcelo Garcia. **Escola de natação: montagem e administração organização pedagógica do bebê à competição.** Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

COSTA, P. H. L. da. **Natação e atividades aquáticas: subsídios para ensino.** São Paulo: Manole, 2010.

DAMASCENO, Leonardo Graffius. **Natação para bebês: dos conceitos fundamentais à prática sistematizada.** Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

FERNANDES, Josiane R. P.; COSTA, P. H. L. da. **Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos.** Revista Brasileira de Educação Física Especial, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 5-14, jan./mar. 2006.

FONTANELLI, Marília Silveira; FONTANELLI, José A. **Natação para bebês: entre o prazer e a técnica.** São Paulo: Ground, 1985.

FREUDENHEIM, A. M.; GAMA, R.I. R. B.; CARRACEDO, V. A. **Fundamentos para elaboração de programas de ensino do nadar para crianças.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61-69, 2003.

GODALL, Teresa; HOSPITAL, Anna. **150 propostas de atividades motoras para a educação infantil (de 3 a 6 anos).** Porto Alegre: Artmed, 2004.

JOHNSTRON, K.; BRUYA, L.; LANGENDORFER, S. **Ready to paddle.** Parks & Recreation, v. 29, n. 2, p. 50-56, 1994.

KRUG, Dircema Franceschetto; MAGRI, Patrícia Esther Fendrich. **Natação: aprendendo para ensinar**. São Paulo: All Print, 2012.

LANGENDORFER, S. J. **Children's movement in water: a developmental and environmental perspective**. Children's Environment Quarterly, v. 4, n. 29, p. 25-32, 1987.

LANGENDORFER, S. J.; BRUYA, L. D. **Aquatic readiness: developing water competence in young children**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1995.

MAGIL, Richard A. **Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Editora Edgard Blüder, 2000.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

QUEIRÓZ, M. L. de P. **O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões**. In: Lang, A.B.S.G., org. Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992.

RAMALDES, Ana Maria. **100 Aulas: bebê e a pré- escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, Carlos Antônio dos. **Natação: ensino e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

XAVIER FILHO, Ernani; MANOEL, Edison de Jesus. **Desenvolvimento do comportamento motor aquático: implicações para a pedagogia da Natação**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 10, n. 2, p. 85-94, 2002.

WIZER, Rossane Trindade. **Influência da Utilização de flutuadores no desenvolvimento das habilidades aquáticas**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

8 ANEXOS

8.1 ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu filho está sendo convidado como voluntário, a participar de um estudo que está sendo realizado pela aluna Rossane Trindade Wizer, estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS. O estudo tem como objetivo comparar o desenvolvimento das habilidades aquáticas de crianças que são ensinadas a nadar com o uso de flutuadores nos braços e crianças que são ensinadas a nadar sem o uso de flutuadores.

Pretende-se com o estudo colaborar com professores de natação na organização das aulas, já que a eficácia da utilização de flutuadores no processo de ensino não é comprovada.

Se você concordar com a participação do seu filho no estudo você terá que responder um questionário sobre as experiências do seu filho no meio líquido, e ainda o seu filho participará de um programa de natação oferecido pela Escola de Educação Física da UFRGS durante 8 semanas, com duas aulas de 30 minutos por semana. Para avaliar o desempenho aquático da criança será realizado um teste antes e após o período das aulas para verificar a evolução da aprendizagem. Os testes acontecerão no próprio ambiente onde ocorrerão as aulas e consiste em realizar tarefas solicitadas pela professora que são comuns àquelas realizadas durante os momentos de aula. As aulas e os testes serão filmados pela pesquisadora e os pais poderão ter acesso aos dados se desejarem.

Cabe ressaltar que os riscos da participação na pesquisa serão os mesmos daqueles enfrentados em qualquer aula de natação. Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhuma publicação resultante desse trabalho.

Você é livre para impedir a participação do seu filho ou retirar o consentimento a qualquer momento do estudo, sem penalização ou prejuízo algum.

E por fim, se você sentir que seu filho foi prejudicado durante a pesquisa deve recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, cujo telefone para contato é 33083629.

A professora Rossane Trindade Wizer estará à disposição para prestar esclarecimentos durante todo o estudo pelo telefone ou pelo e-mail: 92400786/rossanew@hotmail.com.

A sua assinatura neste termo de consentimento indica que você entendeu satisfatoriamente as informações a respeito da pesquisa e que você concorda com a participação do seu filho.

Nome da criança participante

Nome e assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável: Prof. Dr. Flávio Antônio de Souza Castro

Assinatura do pesquisador: Professora Rossane Trindade Wizer

8.2 ANEXO 2

QUESTIONÁRIO**Dados da criança**

Nome:

Data de nascimento:

1. Seu(a) filho(a) já frequentou aulas de natação?

 não sim

2. Seu(a) filho(a) gosta de brincar na água?

 não sim

3. Se a resposta anterior tiver sido “sim”, em quais ambientes ele(a) gosta de brincar?

 banheira piscina mar outros: _____

4. Com que frequência ele(a) tem contato com estes ambientes?

 pouquíssimas vezes algumas vezes muitas vezes

5. Seu(a) filho(a) frequenta a escola infantil?

 não sim

6. Seu(a) filho(a) possui aulas de educação física na escola?

 não sim

7. Seu(a) filho(a) participa de alguma atividade esportiva/recreativa?

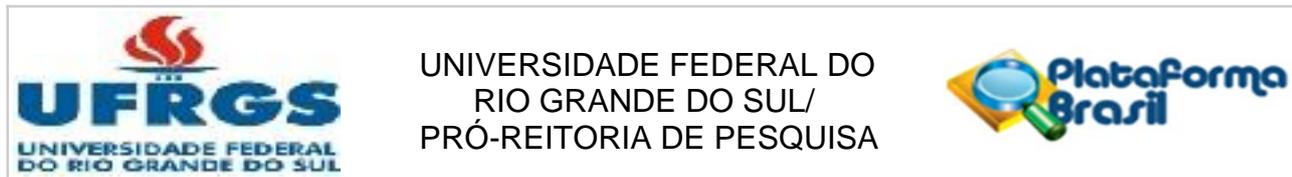
 não sim

8. Seu(a) filho(a) já passou por alguma situação de afogamento ou quase afogamento?

 não sim

9. Se a resposta anterior tiver sido “sim”, relate em poucas palavras o ocorrido:

8.3 ANEXO 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL/
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Influência da Utilização de Flutuadores no Desenvolvimento das Habilidades Aquáticas

Pesquisador: Flávio Antônio de Souza Castro

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 03909512.0.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 261.095

Data da Relatoria: 26/07/2012

Apresentação do Projeto: Trata-se de um projeto de mestrado, desenvolvido no PPGCMH da ESEF-UFRGS, onde habilidades aquáticas serão testadas e comparadas em dois grupos de dez crianças de anos de idade que realizarão aulas de natação com e sem a utilização de flutuadores de braços.

Objetivo da Pesquisa: Comparar o desenvolvimento das habilidades aquáticas de crianças que utilizam flutuadores e de crianças que não utilizam flutuadores durante o processo de aprendizagem da natação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: equivalentes àqueles existentes quando crianças realizam práticas corporais sistematizadas no meio aquático. Salienta-se que durante as aulas estão presentes professores e monitores experientes no ensino da natação.

Benefícios: os participantes terão oportunidade de participar de aulas de natação, de modo gratuito e de desenvolverem habilidades motoras no meio líquido. Além disso, há expectativa de que os resultados dessa pesquisa contribuam para a área da pedagogia da natação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: O projeto apresenta tema de pesquisa relevante, revisão de literatura pertinente e atualizada. A metodologia está adequada aos objetivos do projeto. Considerando a expectativa dos autores, que um dos grupos tenha um melhor desempenho no desenvolvimento das atividades aquáticas em função da metodologia empregada, solicitou-se que, após o término da pesquisa, sendo comprovada essa diferença, se ofereça a oportunidade ao grupo com pior desempenho, de vivenciar a outra metodologia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: A folha de rosto está adequada. O parecer consubstanciado emitido por instancia anterior está adequado. O TCLE foi ajustado.

Recomendações: sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: sem pendências.

Situação do Parecer: Retirado.

Necessita Apreciação da CONEP: Não.

Considerações Finais a critério do CEP: Parecer de aprovado. Encaminhe-se.

Porto Alegre, 02 de maio de 2013.

Assinado por: José Artur Bogo Chies (Coordenador)